

A GESTÃO DO CORPO NAS REVISTAS SUPERINTERESSANTE E GALILEU: UM NOVO ENIGMA PARA O INFOENTRETENIMENTO CIENTÍFICO

BODY MANAGEMENT IN MAGAZINES SUPERINTERESSANTE AND GALILEU: A NEW ENIGMA TO THE CIENTÍFIC INFOTEINMENT

GESTIÓN CORPORAL EN LAS REVISTA SUPERINTERESSANTE Y GALILEU: UNO NUEVO ENIGMA PARA EL INFOENTRETENIMIENTO CIENTÍFICO

Djaine Damiani

Universidade Estadual Paulista - FCLAr
djainedamiani@gmail.com

Resumo

Na segunda metade do século XX ganhava notoriedade entre os meios de comunicação massiva, em princípio na Europa, espalhando-se posteriormente pelo mundo, um tipo característico de publicação impressa capaz de transitar entre a informação científica e o entretenimento, que viria a culminar no que podemos chamar hoje de infoentretenimento científico. Legítimas representantes deste gênero no Brasil, as revistas *Superinteressante* e *Galileu*, lançadas respectivamente em 1987 e 1995, com linguagem e projeto gráfico direcionados especialmente ao público jovem, difundem até os dias de hoje notícias sobre as potencialidades da ciência e da tecnologia, atendendo desta forma, não apenas a um segmento de mercado editorial ainda não tão bem explorado, mas também a uma demanda deflagrada pela integração do país ao mercado mundial, consolidada no início dos anos 90.

O presente trabalho investiga, por meio de um estudo histórico do gênero editorial, bem como de entrevistas com os chefes de redação e análise temática em exemplares publicados entre os anos de 2004 e 2014, o modo como a estrutura da narrativa fantástica, mantêm-se como a principal estratégia de produção de sentido. O artigo procura demonstrar que os antigos enigmas que protagonizavam as narrativas inspiradas no realismo-fantástico, sobre o qual se originaram tais publicações, vão saindo de cena para dar lugar às temáticas ligadas à gestão do corpo que emerge agora como um novo enigma a ser decifrado pela ciência. O enigma da narrativa fantástica contemporânea, deve ser investido de potência suficiente para alavancar as

vendas de exemplares e é por este motivo que a maleabilidade do novo corpo apresentado pelas revistas, converge para uma adequação ao paradigma cibernético, de onde emergem as ciências capazes de proporcionar as mais fantásticas e desejadas transformações.

Abstract

In the second half of the twentieth century a distinctive type of print publication, able to transit between scientific information and entertainment, that would culminate in what we today call scientific infotainment, gained notoriety among the mass media, first around Europe and later spreading to the world. Legitimate representatives of this genre in Brazil, the magazines *Superinteressante* and *Galileo*, were created respectively in 1987 and 1995, with language and graphic design especially targeted to the younger audience, diffuse news about the potential of science and technology until the present day, consequently serving not only a publishing market segment still not so well explored, but also a demand triggered by the integration of the country into the world market, consolidated in the early 90s.

This work analyzes, through a historical study of the editorial genre, interviews with the editors in chief, and thematic analysis of the copies published between the years 2004 and 2014, how the structure of the fantastic narrative is maintained as the main strategy to produce meaning. This article attempts to demonstrate that the ancient enigmas that starred in the narratives inspired by fantastic realism, of which originated the publications, leave the stage to give space to the subject areas related to the “management of the body” that now emerges as a new enigma to be deciphered by science. The enigma of the contemporary fantastic narrative should be invested with enough power to boost sales of copies, and for that reason the malleability of the new body presented by the magazines converges to an adaptation to the cyber paradigm, from which emerge the sciences capable of providing the most fantastic and desired transformations.

Resumen

En la segunda mitad del siglo XX se hizo famoso entre los medios de comunicación de masas, en principio en Europa, extendiéndose más tarde por todo el mundo, un tipo característico de publicación impresa capaz de moverse entre la información científica y el entretenimiento, que debía culminar en lo que hoy llamamos infoentretenimiento

científico. Representantes legítimos de este género en Brasil, las revistas *Superinteressante* y *Galileo*, lanzadas respectivamente en 1987 y 1995, con el lenguaje y proyecto gráfico dirigidos especialmente a los jóvenes, propagan hasta la actualidad noticias sobre el potencial de la ciencia y la tecnología, sirviendo de esta manera no sólo a un segmento del mercado editorial no tan bien explorado, pero también a una demanda provocada por la integración del país en el mercado mundial, consolidada a principios de los años 90.

En este trabajo se investiga, a través de un estudio histórico del género editorial, así como entrevistas con los jefes de redacción y análisis temático sobre los ejemplares publicados entre 2004 y 2014, cómo la estructura de la narrativa fantástica permanece como la dirección principal de la estrategia de producción de sentido. El artículo pretende mostrar que los antiguos enigmas que protagonizaban las narraciones inspiradas en el realismo fantástico, en donde se originaron dichas publicaciones, van a salir de la escena para dar paso a temas relacionados con la gestión del cuerpo, que está emergiendo como un nuevo enigma para ser descifrado por la ciencia. El enigma de la narrativa fantástica contemporánea debe investirse con suficiente poder para aumentar las ventas de ejemplares, y es por esta razón que la maleabilidad del nuevo cuerpo presentado por estas revistas converge para adaptarse al paradigma cibernético, donde emergen las ciencias capaces de proporcionar las transformaciones más fantásticas y deseadas.

Palavras-chave: gestão do corpo; cibernética; narrativa; tecnociência; infoentretenimento.

Palabras-clave: gestión corporal; cibernética; narrativa; tecnociencia; infoentretenimento.

Keywords: body management; cybernetics; narrative; technoscience; infotainment.

Introdução

Podemos dizer que as revistas *Superinteressante* e *Galileu*, representam no Brasil, o que chamaremos aqui de infoentretenimento científico impresso. Primeiro de tudo, é preciso que entendamos infoentretenimento como uma estratégia midiática de produção de sentido, na qual, como o próprio nome sugere, se processa o embaralhamento daquilo que conhecemos como entretenimento e como informação. Tal estratégia tem sido grandemente utilizada pelos meios de comunicação com a

finalidade de, por um lado, atribuir um caráter mais atraente e vendável à informação, e por outro, injetar credibilidade e funcionalidade ao que poderia ser classificado como mera diversão inútil. O fato é que com o passar do tempo, estas fronteiras se tornaram tão difusas que em alguns produtos culturais elas são praticamente inexistentes, o que só dificulta a sua classificação enquanto gênero midiático.

Na atmosfera globalizada cuja percepção têmporo-espacial foi totalmente ressignificada pelas transmissões incessantes de imagens e o embaralhamento entre o que é informação e o que é entretenimento, transborda os limites da linguagem indo para além do formato e esbarrando na fronteira ficção-realidade, é que faz do infoentretenimento algo a ser problematizado e discutido nas ciências sociais e na comunicação.

A questão colocada pelos estudiosos dessas áreas sai do determinismo tecnológico e se articula entre a política, a economia, o discurso midiático, o poder, a cultura e as identidades, especialmente e perpassa o das mediações, no qual se identifica a importância de um olhar para o infoentretenimento enquanto estratégia midiática, ou seja, como base para a criação de novos usos e práticas no exercício dialógico entre os produtores de conteúdo cultural e seus públicos.

É neste aspecto que se concentra a atenção deste trabalho: no modo como se articulam as práticas de produção de sentido das revistas brasileiras que tratam os temas ciência e tecnologia sob a estratégia do infoentretenimento, tendo como principal enfoque a discursividade acerca da gestão corporal.

O infoentretenimento científico brasileiro sob a influência da *Planète*

O fenômeno afirmamos encontrar-se materializado nas revistas trazidas para este estudo, destacando que tais publicações tiveram clara inspiração no gênero inaugurado pela revista *Planète*, lançada na França em 1961 e que tinha como subtítulo a frase: “a primeira revista de biblioteca” e incluía em seu escopo temas como o esoterismo, a ficção científica, a filosofia, enigmas da humanidade, entre outros assuntos insólitos.

A revista *Planète* manteve-se no mercado editorial até 1971 e foi o sucesso inesperado da obra “*Le martin des magiciens. Introduction au réalisme-fantastique*” que levou seus autores Louis Pawels (1920-1997), um romancista e jornalista interessado em esoterismo, e Jacques Bergier (1912-1978), escritor científico apaixonado por ficção científica, a lançarem uma revista bimestral totalmente dedicada aos temas discutidos no livro. Abundantemente ilustrada, a revista era impressa em

branco e preto, com imagens coloridas e com formato e papel de baixo custo para que pudesse ser acessível às grandes massas.

De acordo com Renard (1996), o número inaugural da *Planète* teve uma saída surpreendente. A tiragem inicial era de 5.000 exemplares, mas foram necessárias 5 reedições que chegaram a vender em torno de 100.000 exemplares cada. A edição reunia textos de ficção científica, artigos sobre esoterismo, entre outros temas insólitos que tinham por objetivo, além de satisfazer o público que já havia mostrado interesse nos assuntos apresentados pelo livro, desestabilizar as revistas tradicionais de divulgação científica da época, embora algumas pesquisas realizadas naquele momento tivessem apontado que quase metade dos leitores da *Planète* eram também leitores da *Science & Vie*, uma das mais lidas do segmento científico.

O sucesso da revista, juntamente com o do *best seller* que deu origem a ela, além da criação dos *Ateliers Planète*, deram forma a um fenômeno sociocultural que mais tarde foi chamado pelo sociólogo Jean-Bruno Renard de “*Mouvement Planète*”. O próprio Renard nos conta que o fenômeno foi tão expressivo que durante o seu auge em 1965, alguns teóricos como Edgar Morin, Umberto Eco e Micea Eliade lançaram seus olhares sobre ele na tentativa de compreendê-lo melhor. “O movimento *Planète*, ocupou durante uma dezena de anos um lugar importante no campo cultural francês suscitando controvérsias entre simpatizantes e adversários daquilo que aspirava tornar-se um novo espírito científico e filosófico, o realismo-fantástico” (Renard, 1996: 152, tradução nossa).

O livro “*Le martin des magiciens. Introduction au réalisme-fantastique*”, misturava ao longo de suas 600 páginas, esoterismo e ficção científica, enigmas históricos e previsões científicas, reflexões filosóficas e feitos insólitos. Foi esta fórmula que levou ao sucesso também a revista, desde a sua primeira edição. Não por acaso a *Planète* tinha por subtítulo “A primeira revista de biblioteca”, além disso, sua preocupação com a forma e o *design* se justificava pela presença na equipe de dois profissionais especialistas em modernas tecnologias de edição e de comunicação. Ainda segundo Renard (1996), além da revista, havia uma série de publicações especiais que eram lançadas paralelamente sob a chancela *Éditions Planète* como a coleção *Encyclopédie Planète*, as séries *Les Métamorphoses de l’Humanité*, *Planète Plus* e as coleções *L’Anthologie Planète* e *Presence Planète*.

A partir de 1968 “*Le Mouvement Planète*” (o movimento planeta) começa a tomar um outro ritmo. A publicação da revista torna-se mensal e é rebatizada como “*Le Nouveu Planète*”. É nesta fase que Louis Pawels cria paralelamente, uma

associação para discussão e estudo de problemas científicos, filosóficos, religiosos, culturais, econômicos e sociais, chamada de *Ateliers Planète*, cujas metas definidas seriam replicadas na criação de outros *Ateliers Planète* em diversas cidades da França e da Europa.

O lema de que haveria uma inteligência superior capaz de influenciar o curso da história da humanidade, que era tão caro à *Planète*, tinha dois efeitos retóricos distintos e por este mesmo motivo, o discurso *Planète* não agradava a todos. Renard descreve que o *Movimento Planeta* sofria ataques de quatro campos diferentes: dos racionalistas, dos espiritualistas, dos surrealistas e dos literatos, por diferentes motivos. “A combatividade dos seus detratores ocorria na mesma medida que o entusiasmo de seus admiradores” (Renard, 1996 :158, tradução nossa).

As críticas vindas dos campos mencionados, conformam um interessante panorama sobre os pontos de vista epistemológicos da época e sua relação antitética sobre a discursividade da *Planète*. Se por um lado, os racionalistas se mostravam mais ativos em suas críticas, o que Renard (1996) atribui à histórica luta da União Racionalista contra o que chamaram de obscurantismo, pseudociências e ciências ocultas, por outro, a revista era acusada pelos espiritualistas de destruir o senso do sagrado e os valores espirituais, substituindo-os por uma espécie de cientificismo fácil.

Enquanto os racionalistas censuravam a dimensão fantástica do realismo fantástico, os representantes da ficção científica, do bizarro e do fantástico, agrupados como “os surrealistas”, criticavam o peso excessivo do realismo nas publicações, a predominância do científico que afastava os textos da poética do insólito. É interessante destacar as críticas agudas feitas pelos representantes da União Racionalista ao discurso da *Planète*.

Para estes especialistas da ciência, nas publicações referidas as hipóteses eram tomadas por fatos e as afirmações substituíam as provas, do mesmo modo que o imaginário não se distinguia do real e nem a ficção científica da ciência propriamente dita. Para eles as ciências eram colocadas no texto no mesmo plano que as paraciências, ao mesmo tempo que o enigmático se sobrepunha ao explicável e o não conhecido se transformava em mistério.

A fórmula que consistia em aplicar as características do gênero realismo-fantástico literário ao formato das publicações periódicas ilustradas, difundiu-se pelo mundo e tomou novos contornos. A própria *Planète* ganhou versão brasileira em 1971 pela editora *Três*, seguida pela *Superinteressante* em 1987 lançada pela editora *Abril*, também replicada da matriz europeia *Muy Interessante*, criada na Espanha em 1981,

focada nos temas ligados ao esoterismo, à ficção científica e aos enigmas da humanidade, que com o tempo, foram dando espaço à tecnologia e aos novos feitos da ciência e mais tardiamente às questões ligadas ao comportamento humano e às relações sociais, sem se desprender, no entanto, de sua peculiar linguagem herdada do modelo literário.

Neste processo, a *Superinteressante* foi conquistando cada vez mais leitores, especialmente entre os jovens que se encantavam com o universo de descobertas que se descortinava através publicação. Os aspectos visuais bastante valorizados, por ilustrações, infográficos e fotografias, foram fundamentais para que ela se posicionasse de modo cada vez mais definitivo na estratégia do infoentretenimento, além de contribuir para que a *Super* (como é chamada pelos redatores), se tornasse um sucesso de vendas e gozasse de reconhecimento junto ao público brasileiro ao tratar de assuntos tão caros à contemporaneidade como ciência e tecnologia, em geral, considerados de difícil entendimento, abrindo uma espécie de “caixa preta” para o público leigo.

No bojo das transformações ocorridas neste segmento editorial, surge no país, a revista *Globo Ciência*, em 1991 publicada pela editora *Globo* e rebatizada em 1998 como *Galileu*. A publicação já nasce com o “DNA” investido do caráter científico, no entanto, vai desenvolver uma estratégia de emergência de sentido, muito semelhante à da revista *superinteressante*, tanto no que diz respeito à linguagem e ao planejamento gráfico, quanto na abordagem temática.

Em resumo, a julgar pelo histórico levantado por meio de pesquisas secundárias e entrevistas com os editores-chefe das duas publicações em agosto e setembro de 2014, além de análise temática e de planejamento gráfico realizada nas duas revistas, que compreendeu as edições publicadas entre os anos de 2004 e 2014, é possível inferir que ambas valem-se das mesmas estratégias de produção de sentido e convergem significativamente no que diz respeito à abordagem temática, portanto, é plenamente viável coloca-las sob o mesmo gênero de publicação, o infoentretenimento científico impresso, bem como tratarmos ambas como similares no que diz respeito às práticas discursivas no que diz respeito às possibilidades da manipulação corporal, além do modo como fazem uso do pensamento cibernético para validar seus argumentos.

A gestão do corpo como tema para o infoentretenimento científico

Entre 2004 e 2007, o tema corpo surge pontualmente nas revistas, mais sob o enfoque

do ideal de saúde perfeita, do que da modificação corporal, o que pode ser percebido nos questionamentos sobre a eficácia da medicina alternativa, na promessa de dietas encabeçadas pelas últimas descobertas “da ciência”, ou ainda nas especulações sobre a cura do câncer e outras doenças consideradas como verdadeiros enigmas para a sociedade, mas sempre com um discurso no qual a chamada “ciência”, que sabemos tratar-se da ciência moderna, é colocada como resposta para as principais questões, além de fonte de verdade incontestável.

Aos poucos, a ideia da modificação corporal começa a se consolidar como um assunto de prestígio tanto na *Superinteressante*, como na *Galileu*, tornando-se mais frequente como tema de capa a partir do ano de 2009. Ademais, assim como ocorre em todo produto midiático que se vale da estratégia do infoentretenimento, nessas revistas a informação é também tratada como espetáculo, tendo por objetivo atingir o sucesso de público e por conseguinte as vendas.

Assim, a temática da manipulação do corpo emergirá neste contexto, como algo miraculoso um enigma prestes a ser desvendado pela ciência. As narrativas onde a ideia aparece, tratam não apenas de conquistas da ciência neste campo, mas em geral, delineiam um horizonte edificado a partir de indicadores reais, ou experimentos e descobertas cujo sucesso apontaria para a conflagração de um cenário semelhante ao apresentado pela literatura ou cinematografia de ficção científica. Em outras palavras, as reportagens partem de experimentos reais, no entanto, projetam seus resultados em um imaginário ficcional.

Vejamos um exemplo de tal prática discursiva na edição 263 da revista *Galileu*, publicada em junho de 2013, na qual a capa nos chama a atenção para um recurso da neuroprotética: a possibilidade de inserção de um chip de memória no cérebro (figura 1).

A notícia que protagoniza a chamada de capa é, na verdade, parte de um ranking com as 10 novidades da ciência que, segundo a revista, “parecem ficção científica”. O texto da chamada traz os seguintes dizeres: “Sua memória poderá ser recuperada através de um implante. Este é um dos avanços que sairão dos laboratórios ainda em 2013 segundo o MIT, o maior centro de tecnologia do mundo”. Notemos o detalhe do “selo MIT”, na figura 2 e a legenda da imagem principal, na qual se pode ler o texto em letras bem miúdas: “dispositivo de memória usado em ratos que começará a ser testado em seres humanos” (figura 3).

O conteúdo da reportagem que tem início na página 45, deixa ainda mais evidente o uso da estratégia de criar narrativas que partem de experimentos ainda

incipientes e os transformam em prognósticos de feitos fantásticos, utilizando-se de recursos que os façam parecer factíveis aos olhos do leitor, como é possível observar na justaposição dos trechos selecionados: “As próteses neurais ainda têm de ser testadas em humanos, mas seus experimentos já mostram como um chip conectado a cérebros de ratos e macacos por eletrodos pode processar informações como neurônios de verdade”.

Aqui, como no detalhe da legenda da imagem de capa, a narrativa esclarece que a pesquisa ainda se encontra em fase de teste em animais, no entanto, mais adiante no trecho seguinte, nos deparamos primeiro o reconhecimento de que a ideia parece mais próxima da ficção do que da realidade e logo em seguida, o texto desenvolve a tentativa de aproximá-la de experiências mais factíveis e outros estudos em andamento, com o intuito de atribuir-lhe maior veridicção como podemos notar no outro fragmento da reportagem:

“Se isso parece delírio, ele aponta para outros sucessos recentes na neuroprotética. Implantes cocleares já devolvem a audição a 200 mil surdos ao converter o som em sinais elétricos interpretados pelo cérebro. Experimentos mostram um paralisado ligado por eletrodos a braços robóticos consegue movê-los com o pensamento. Testes de retinas artificiais em cegos começam a funcionar de maneira preliminar. Ainda assim, o projeto de Berger é muito mais ambicioso.”



Figura 1. Galileu, edição 263



Figuras 2 e 3: *Galileu*, edição 263. Detalhes da capa.

Não coincidentemente, Martín-Barbero (2004: 96) nos fala sobre a função do espetáculo como forma de nos aproximar do maravilhoso, de um mundo de enigmas, que neste caso, são a matéria prima das práticas discursivas das revistas que servem de base para este estudo. Para o autor, a notícia nada mais é do que o acontecimento transformado em sucesso, a medida em que se esvazia da espessura histórica e é investido de sensacionalismo e espetacularidade: “O sucesso é o conto maravilhoso de nossas industrializadas e democráticas sociedades”.

Nesta afirmação Martín-Barbero encontramos o fundamento a partir do qual a notícia, na atualidade, nos parece mais verdadeira que o próprio acontecimento. Ao observarmos as transformações temáticas ao longo da existência das publicações analisadas, notamos claramente que a tendência ao enigma, ao mistério, ao indecifrável e à ficção-científica herdada da histórica revista francesa *Planète*, ainda se faz presente nas práticas discursivas até a atualidade, o que muda com o tempo é que os temas principais deixam de ser o esoterismo, os extraterrestres ou os fenômenos naturais e passam a ser a ciência e o corpo, em especial o cérebro, o que não ocorre por acaso, mas sim por razões político-epistemológicas conjecturais, como por exemplo pela expansão das ciências da informação, o aumento da influência do pensamento cibernético no desenvolvimento científico, bem como da hegemonia no cenário científico das chamadas tecnociências, com destaque para a biotecnologia ou biocibernética, um fenômeno de certo modo, já observado nos processos de massmediação por Martín-Barbero (2004: 96):

“Foi-se embora a religião, mas ficou o mito: a ciência e a técnica convertidas em fonte inesgotável de maravilhas, de novas fantasias e de novos «fantasmas» que se parecem muito com os antigos. A única diferença de fundo é que hoje, mais que sonhar, o que fazemos é consumir os sonhos que nos fabricam os diretores desse imenso show a que chamam de informação”.

Antes de tudo é preciso que compreendamos o peso da tecnociências neste processo e nos lembremos de que a tecnociência nada mais é do que a ciência investida da técnica e conseqüentemente da política e, por este motivo traz em seu âmago, problemáticas que dizem respeito às relações de poder. O carimbo do *MIT - Massachusetts Institute of Technology*, não aparece na capa da edição por acaso. Nas páginas ímpares da reportagem, há uma orelha na lateral direita em cor destacada que conta a história do *MIT* e faz uma espécie de propaganda da instituição, cuja chamada é: “dentro da instituição científica mais importante do mundo”.

Além disso, como nos mostra Sfez, tanto a política quanto a técnica são interseccionadas pela ficção. Esta, segundo o autor, seria o motor que as impulsiona, exercendo uma sedução cujos efeitos são sentidos por nós, sem que possamos nos dar conta de que aquilo que nos parece sério pertence ao regime de ficção, como esclarece:

“A ficção não está fora da realidade. Ela realiza-se a todo o instante. Chamamos-lhe por vezes «utopia», obrigados a reconhecer depois de algum tempo que essa utopia se realizou e se tornou num elemento da realidade”. (Sfez, 2002: 15)

Outro aspecto destacado por Sfez, diz respeito à tecnologia enquanto fundamento para a ideia de progresso. O autor nos fala do fetichismo cultural e político do qual essa noção está investida e completa dizendo que não é a coisa em si que nos seduz, mas os discursos a seu respeito. O papel mais importante deste discurso consiste na substituição da ficção da técnica por uma pretensa objetividade e seriedade.

De objeto do discurso, a técnica se transformaria em discurso do objeto, deste modo, o fascinante objeto técnico tornar-se-ia o centro do mundo e das sociedades, de modo que para cada técnica corresponderia um tipo de civilização. O autor observa ainda, com base dos apontamentos de James Carey (1999), que os valores atribuídos às tecnologias que vão surgindo seguem o mesmo padrão discursivo que mistura fantasia, propaganda e verdade. Para Sfez (2002), os tecnicistas são publicitários e o processo de apresentação da técnica como propaganda vem a calhar numa operação fetichista que faz das “novas tecnologias” o fundamento para o progresso, a nova economia e a sociedade do futuro.

O conto maravilhoso e o corpo como o novo enigma

Se as narrativas sobre a técnica e a ciência emergem nas revistas como a novo conto

maravilhoso ou a solução para os novos enigmas da humanidade, a sua aplicação na gestão do corpo humano, parece ser um espetáculo ainda mais atraente, uma vez que esbarra, em questões mais profundas ligadas nos processos de subjetivação e até na própria ontologia. Na edição 294 da revista *Superinteressante*, publicada em agosto de 2011, a matéria de capa traz a ideia da reinvenção do corpo. Na chamada podemos ler o seguinte texto:

“Olhos que veem no escuro. Força sobre-humana. Seios maiores sem silicone. Novas funções para o cérebro —até um sexto sentido. Tudo isso já existe e logo estará em você. Conheça a mais radical transformação do nosso tempo: a reinvenção do corpo humano”.

No miolo da revista, a matéria de 10 páginas repletas de imagens e infográficos, traz uma narrativa ilustrada por personagens que tiveram uma experiência enquanto objeto das intervenções elencadas pela reportagem que começa com a seguinte história:

“*Rex Jameson* não é o tipo de gente que chame a atenção. É um típico americano de meia idade, voz suave, jeito calmo. Ele até malha um pouco, se cuida para não ficar barrigudo, mas está longe do estereótipo dos bombadões de academia”.

A descrição de *Jameson*, serve para dar ao leitor uma dimensão mais factível, daquilo que aparenta ser o mote para um enredo de ficção científica: a atribuição de força sobre humana pela utilização de um exoesqueleto comandado por estímulos cerebrais. O mesmo ocorre com o segundo caso, o de *Milo*, que descreve a substituição de uma das mãos do personagem, que teve os nervos cortados, por uma “prótese de altíssima tecnologia”, que não só se movimenta como uma mão de verdade, comandada também por estímulos neurais, como possui tato e é capaz de girar 360 graus, coisa que a mão humana não faz.

As histórias se sucedem e em todas elas, os acontecimentos que nos parecem da ordem da ficção vão tomando contornos de realidade, à medida em que os personagens e suas vidas são detalhados e a voz lhes é dada: “Quando estou com ele, me transformo numa versão mais rápida e mais forte de mim mesmo. É uma sensação incrível”. Conta *Jameson* sobre a sensação de utilizar o exoesqueleto. Assim, as histórias e os personagens vão se tornando extremamente reais aos olhos dos leitores, provocando-lhes identificação. À certa altura do texto, nos deparamos com o seguinte parágrafo:

“A reinvenção do corpo vai fazer cegos voltarem a enxergar, surdos voltarem a

ouvir. Pessoas paralisadas voltarem a andar. E também dar novos poderes às pessoas normais. Ou pelo menos fazer com que elas fiquem mais bonitas”.

Eis o milagre da ciência operando sobre o corpo. Se substituíssemos a expressão “ a reinvenção do corpo” por Jesus, o texto não deixaria de ter sentido. O que nos faz refletir sobre o papel que a tecnociência vem tomando para si no imaginário da sociedade secularizada. Investida de uma discursividade emprestada da religião, a tecnociência apropria-se deste lugar antes reservado ao mágico, oferecendo a promessa do não sofrimento e da não finitude ao corpo, antes dado como um limite para o espírito, vestígio indigno da existência de que nos fala Le Breton.

Philippe Breton (1995) por sua vez, nos mostra que as correlações entre o discurso científico e o religioso tem origem histórica. Para este autor, o enfraquecimento das concepções religiosas que dominavam o imaginário ocidental, abalou as bases da visão do homem como criatura de Deus, no entanto, tal enfraquecimento não foi suficiente para fazer desaparecer a ideia de que o ser humano, nada mais é do que um ser criado, sendo que esta concepção alimenta suas representações até os dias de hoje, de modo que nem mesmo a ciência conseguiu se desvencilhar.

Além disso, a ideia de que as inovações da tecnociência possibilitarão novas formas de gestão corporal, podendo torna-las até “mais bonitas”, é um indício revelador de que esta, estaria a serviço de um sistema subjetivo de dominação, ou de um padrão estético, ao qual os sujeitos deverão desejar e poderão acessar graças à ciência, cujo grande feito seria “democratizar” a beleza. A este respeito, vejamos o editorial da edição especial da revista *Superinteressante*, de julho de 2013, edição 38-A, que tem como chamada de capa traz o seguinte texto: “Como ficar mais bonito. As receitas mais úteis, criativas e surpreendentes da ciência para melhorar sua aparência”.

Na figura 5, observa-se o título da carta do editor “Democracia da Beleza” assinada pela então editora-chefe da publicação. Na sequência o texto do qual destacamos um trecho que nos remete diretamente ao pensamento de Habermas, acerca do processo de “eugenia liberal”, no qual o progresso da ciência, que ele chama de “biotécnica”, possibilitaria uma seleção de indivíduos e corpos com base no acesso pela via econômica (Habermas, 2010 [2001]). Ou seja, sob esta perspectiva, a gestão do corpo por meio das tecnociências passa a ser um benefício para aqueles que tem acesso ao poder econômico, sendo assim, a beleza, a potência física ou a perfectibilidade, seriam meros bens de consumo.

Para além da noção de perfectibilidade do corpo como bem de consumo, é importante lembrar que a hipótese de uma “eugenia liberal” perpassa questões que dizem respeito à regulação e à ética, mas principalmente a ideia de que corpo é o meio pelo qual a existência pessoal se encarna, a via por onde é possível ser si mesmo, de acordo com as palavras de Habermas (2010).

Assim, o texto da editoria da edição especial da *Superinteressante*, nos traz a oportunidade de refletir sobre como o corpo vem se tornando cada vez mais o protagonista de uma narrativa fantástica, na qual “a ciência” e “a tecnologia” (para nós, tecnociência), são colocadas como operadores de um processo no qual o homem passa a ter o domínio sobre a sua própria materialidade e por consequência, do seu existir, a partir de um processo perverso, no qual a discursividade se constrói a partir da subversão de valores como o da democracia em nome de uma ditadura estética, como observamos no exemplo:

“Todo mundo pode ser a peituda da escola, o fortão do time de futebol. Vivemos uma era da democratização da beleza. Você não depende mais da genética para aprimorar o shape. Basta uma ajudinha da tecnologia e algum dinheiro no bolso”.



Figura 4. *Superinteressante*, edição especial 38-A (julho 2013). Capa



Figura 5. *Superinteressante*, edição especial 38-A (julho 2013), p. 2

Ademais, é importante destacar que a questão da perfectibilidade ou o futuro do humano, como aponta Breton, marca de forma simultânea tanto o discurso técnico quanto o político. Breton nos mostra que todas as teorias políticas que existiram até agora, sempre tiveram como base uma representação do homem, desde a distinção entre cidadãos gregos e bárbaros, passando pelas teorias de René Descartes (1596-1650) e Julien Offroy de la Mettrie (1709-1751), que viam o homem como uma espécie de máquina aperfeiçoada, até a ideia da criatura artificial.

“As biotecnologias e a genética propõem nada menos do que a modificação do capital inicial do humano para, de alguma forma, redefinir o seu corpo e seu espírito. A representação do humano é aqui a de um ser modificável e modelável à discricção, sem outra limitação que não a do saber utilizado” (Breton, 1995: 84)

A imagem da criatura artificial, ainda segundo Breton, é encarnada no seio da religião e constituiu o horizonte intelectual dominante a partir de então, servindo de suporte à técnica desde o Renascimento e emergindo mais tarde na literatura do século XIX, tão influente nas consciências. Finalmente acolhida pela ciência moderna até a perspectiva da inteligência artificial, a criatura como metáfora contém uma representação do humano que ultrapassa o suporte narrativo e apresenta-se como objeto híbrido constituído de narrativa estruturada e suporte, seja ele mítico, literário ou científico.

O paradigma informacional: o sujeito determinado pelo DNA e pelo funcionamento do cérebro, mas a ciência pode mudar isso

No que tange à plasticidade da matéria do corpo humano que lhe permite cada vez mais factíveis possibilidades de transformação, sabe-se que esta noção está diretamente conectada ao princípio de “plenitude tecnológica” apresentado por Hermínio Martins, segundo o qual tudo que seja possível fazer, mais cedo ou mais tarde, será feito:

“Hoje, o horizonte do tecnicamente possível na biotecnologia genérica, abrange as possibilidades mais estonteantes de mudar, reconfigurar, fazer e refazer a vida natural [...] um pouco como se o tecnicamente possível coincidissem cada vez mais com o fisicamente possível”. (Martins, 2012: 134)

Sabe-se que a espantosa e recém descoberta plasticidade das coisas vivas, de que nos fala Hermínio Martins, é fruto do paradigma cibernético. Mais especificamente de um princípio de equivalência entre os seres, desde que estes se situem num mesmo nível de complexidade informacional. O modelo científico elaborado por Wiener, parte da ideia de um mundo mais racional, graças à possibilidade de controle e gestão informacionais. Esse mundo no qual as fronteiras se dissolvem, incluindo aquelas que se colocavam entre o ser humano, o animal e a máquina, seria totalmente voltado para a comunicação e à troca de informações e daria novos contornos ao que se entendia por ciência como nos mostra Lafontaine (2004: 15-16):

“Verdadeira matriz da tecnociência, a cibernética marcou o início de uma revolução epistemológica cujo alcance só agora se começa a perceber na sua plenitude. [...] O modelo informacional elaborado por Norbert Wiener há cerca de sessenta anos tende a impor-se como o único horizonte paradigmático”.

Por este motivo, não há como pensar a gestão do corpo ou o sujeito contemporâneo, sem levarmos em conta a influência do pensamento cibernético em toda a cosmologia da ciência, incluindo as ciências humanas que, como aponta Lafontaine, muito contribuíram para a elaboração e a difusão da visão informacional da subjetividade tal como a conhecemos hoje. Para a autora, é justamente neste momento em que a desconstrução filosófica deu lugar a desconstrução biotecnológica e em que a complexidade sistêmica se alia ao reducionismo genético é que se questiona de modo mais radical a noção de autonomia subjetiva herdada do humanismo moderno.

Deste modo, a partir das observações trazidas por Lafontaine, foi possível mapear e compreender melhor, algumas escolhas feitas pelas editorias acerca dos

recortes temáticos das revistas *Superinteressante* e *Galileu*, bem compreender o posicionamento discursivo no que diz respeito à gestão do corpo e seus processos de subjetivação durante o período observado.

A partir do ano de 2007, aumenta significativamente a incidência de reportagens de capa que tem como objeto o corpo, mas podemos verificar um maior número de menções diretas e indiretas ao cérebro e seus processos físico-químicos, como determinantes na ocorrência de fenômenos que envolvem subjetividades. Em segundo lugar em termos de frequência, estão as abordagens que trazem a genética como explicação, ou justificativa para outros fenômenos do mesmo gênero. Vejamos alguns exemplos:



Figura 6. *Galileu*, edição 214 (maio 2009).



A CIÊNCIA DO SONNO
POR JONES ROSSI E JULIANA TIRABOSCHI
ILUSTRAÇÕES ESTÚDIO MOPA

A HORA DO PESADELO
Os mecanismos que desencadeiam os pesadelos se parecem com os dos sonhos. Ativam as mesmas áreas do cérebro, mas acionam circuitos diferentes. Uma pesquisa da Universidade de San José, na Califórnia, sugere que o estresse tem um papel importante nesse processo. Além disso, afirmam que os sonhos ruins possuem uma função benéfica.

Os pesquisadores dividiram os entrevistados em três grupos, de acordo com a frequência e intensidade de seus pesadelos, e avaliaram cada um em relação a fatores de estresse presentes no dia a dia. O resultado foi que aqueles que tinham mais pesadelos conseguiam lidar melhor com as dificuldades diárias, sugerindo que esse tipo de experiência proporciona mais jogo de cintura na hora de encarar os problemas.

Para Rosalind, os pesadelos ocorrem quando sentimos alguma emoção muito intensa, inesperada ou desafiante, sem nenhuma situação correspondente ou similar na memória de longo prazo para ajudar a processar aquela informação. "Isso chama a atenção da mente consciente para um grande problema a ser resolvido", afirma.

Comente a matéria
Leia os comentários
Envie a um amigo
Versão de impressão

Ampliar capa
Edição 214 - Mai de 2009

ASSINE GALILEU

ONLINE
BLOG DA GALILEU
BLOG CLEMENTINA
CONSPIRADO
SEXPEDIA
GALILEU NO ORKUT
NO FACEBOOK
NO TWITTER
LINKS DA EDIÇÃO
GALILEU NO CELULAR
GENEROSIDADE
BLOG GENEROSIDADE

CONTEÚDO

Figura 7. *Galileu*, edição 214 (maio 2009). Reportagem de capa retirada do site da revista

No caso deste primeiro exemplo, notamos que a matéria de capa não fala diretamente do corpo, mas sim de um processo mental, no entanto, já no início do texto da matéria é possível observar que a abordagem da pesquisa apresentada é neurocientífica e aponta os processos físicos do cérebro como responsáveis pelos mesmos. Notemos que a metáfora do processamento eletrônico é utilizada textualmente para explicar o funcionamento do órgão: "Ativam as mesmas áreas do cérebro, mas acionam circuitos diferentes". Notemos ainda que a mesma lógica de explicar comportamentos e fenômenos humanos por meio do funcionamento do cérebro, se aplica às capas abaixo relacionadas:



Figura 8. *Galileu*, edição 203 (junho 2008)



Figura 9. *Galileu*, edição 195 (outubro 2007)



Figura 10. *Galileu*, edição 199 (fevereiro 2008)



Figura 11. *Superinteressante*, edição 325 (novembro 2013)



Figura 12. *Superinteressante*, edição 307 (agosto 2012)



Figura 13. *Superinteressante*, edição 254 (julho 2008)

É interessante notar que além das capas que remetem às explicações da neurociência para os fenômenos do comportamento humano, estas explicações baseadas no pensamento cibernético, também são utilizadas para validar práticas e princípios elaborados por outras ciências que tem como base o humanismo, como é o caso da psicanálise freudiana (figura 13) e até mesmo os preceitos básicos da religião, como a fé (figura 11).

O protagonismo do cérebro como tema pode ser observado também quando este é o assunto diretamente abordado em chamadas como esta da *Superinteressante*: “Os superpoderes do cérebro” (2006) ou esta outra da *Galileu*: “Copie seu cérebro e viva para sempre” (2014), mas sobretudo na forma como as representações imagéticas se evidenciam nas publicações como apresentamos brevemente a seguir, apenas a título de ilustração:

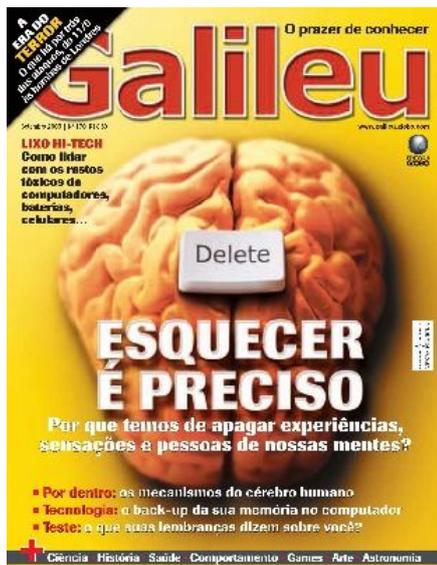


Figura 14. *Galileu*, edição 187 (2007)

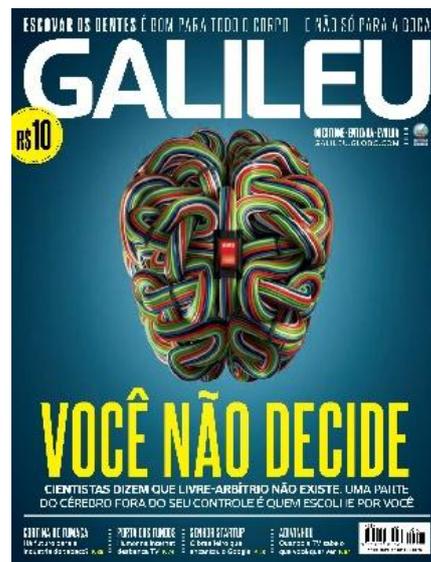


Figura 15. *Galileu*, edição 264 (2013)



Fig. 16. *Superinteressante*, edição 315 (2013)



Fig. 17. *Superinteressante*, edição 171 (2001)

Do mesmo modo, desfilam nestas revistas as temáticas onde o corpo é pensado através do paradigma cibernético, a partir do qual é possível imaginar a total plasticidade da matéria. Seja sob o enfoque da manipulação genética, da neurociência ou da biotecnologia, as narrativas sempre anunciam a quebra dos limites impostos pela carne e mostram a possibilidade de um sujeito libertado do fardo de um corpo precívél e de uma existência pré-determinada. Nas histórias contadas, “a ciência” é o meio pelo qual o sujeito pode recriar o próprio corpo e, por conseguinte, a sua própria existência.

Considerações finais

Concluindo, vale ressaltar que as diretrizes de “gestão corporal” sugeridas pelas revistas aqui analisadas estão em sintonia com a “fabricação do sujeito neo-liberal”, como entendidas nas análises de Laval e Dardot (2013), visto que apontam para as noções de eficiência e maximização das potencialidades de um corpo concebido, não só como uma máquina racionalizadora, mas sobretudo sob a perspectiva de uma racionalidade informacional organizadora do mundo, que tem como base os princípios da cibernética, para a qual o mundo inteiro obedece à segunda lei da termodinâmica: se a ordem nele diminuir, a desordem aumenta (Wiener, 1968).

Neste sentido, as revistas *Superinteressante* e *Galileu*, assumem, por meio de sua discursividade, observada mediante análise de suas estratégias de produção de sentido, a representação de um sujeito cuja subjetividade, o desejo e até mesmo sua identidade, são regidos por complexos processos, sobre os quais ele só terá controle se fizer uso do conhecimento científico, neste caso, representado pela tecnociência que surge nas publicações, como uma espécie de oráculo, capaz de decifrar os grandes enigmas da existência, solucionando-os e trazendo alívio para as principais angústias da vida contemporânea, tais como o sentimento de impotência diante da morte e do sofrimento ou a frustração frente a uma possível improdutividade ou inadequação aos padrões estéticos e funcionais cada vez mais exigentes do mundo contemporâneo.

O paradigma que coloca no mesmo pé de igualdade seres humanos, animais e máquinas, é apresentado pelas revistas analisadas como um divisor de águas no sentido da evolução científica, já que a visão cibernética do mundo tornou possível criar próteses que, não só solucionam as imperfeições do corpo, como amplificam a sua capacidade, entre outros feitos que são tratados discursivamente como “milagres” operados pelo que elas chamam de ciência ou de tecnologia, mas que sabemos tratar-se das tecnociências.

Essa mesma visão que tem tornado possível decifrar o funcionamento do cérebro e com isso permitir a compreensão, antes impensada, de muitos fenômenos do corpo, da mente e das relações humanas, aquela que permite a leitura do genoma humano dando-nos a capacidade de prevenir doenças, ou escolher características pessoais, é paradoxalmente aquela que, ao aproximar humanos e computadores, também cria padrões de eficiência, resistência e perfectibilidade, cada vez mais elevados. Deste modo, é depreender das narrativas construídas pelas revistas

Superinteressante e *Galileu* que, assim como as máquinas, também os corpos encontram-se sob o julgo do imaginário industrial, tal como nos mostra Pierre Musso.

Para o autor, a ideia de que a ciência e a técnica irão prover a abundância, a longevidade, a melhoria das capacidades e habilidades cognitivas e motoras humanas, a cura de doenças e o bem-estar geral, é muito sedutora e é exatamente o que reaviva o mito prometeico erigido pelo imaginário industrial potencializado pela cibernética (Musso, 2014).

Notamos então que a tecnociência, opera com a mesma lógica da indústria, uma vez que se edifica sobre o imaginário industrial, mantendo a mesma ambição pelo controle da natureza e da vida, procurando enraizar seus discursos nas práticas e processos de inovação sempre impulsionados por um ideal de aprimoramento, ou seja, sob o mito da inevitabilidade tecnológica que se constrói a partir da ficção em suas múltiplas narrativas que se constroem no sentido de apresentar o corpo moldável, híbrido entre organismo e máquina, como algo plenamente possível e desejável, tais narrativas, neste caso, mostram-se perfeitamente articuladas pelas práticas de produção de sentido utilizadas pelas publicações em questão, que vão desde o uso da ficção como referencial imagético para os prognósticos da tecnociência, passando pela apropriação da linguagem do realismo-fantástico literário e as analogias com seus temas, até conseguir uma proposital indistinção entre a informação e o entretenimento, como forma de tornar seu conteúdo fácil, desejável e portanto consumível, assim como o corpo do futuro, em breve à nossa disposição nos melhores laboratórios do ramo.

Referências bibliográficas

- BRETON, Philippe. (1995). *À imagem do homem. Do Golem às criaturas virtuais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CAREY, James. (1999). "McLuhan: généalogie et descendance d'un paradigme". Em *Quaderni: la Revue de la Communication*, 37, pp. 111-131.
- HABERMAS, Jürgen. (2010 [2001]). *O futuro da natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- LAFONTAINE, Cèline. (2004). *O império cibernético. Das máquinas de pensar ao pensamento máquina*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LAVAL, Christian y DARDOT, Pierre. (2013). *La nueva razón del mundo*. Barcelona: Gedisa.
- LE BRETON, David. (2003). *Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade*. Campinas,

São Paulo: Papyrus.

MARTÍN-BARBERO, J. (2004). *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola.

MARTINS, Hermínio. (2012). *Experimentum humanum. Civilização tecnológica e condição humana*. Belo Horizonte: Fino Traço.

MUSSO, Pierre. (2014). *L'Imaginaire industriel*. Paris: Manucius.

RENARD, J-B. (1996). "Le mouvement Planète: un épisode important de l'histoire culturelle française". Em *Politica Hermetica*, 10, pp. 152-167.

SFEZ, Lucien. (2002). *Técnica e Ideologia. Uma questão de poder*. Lisboa: Instituto Piaget.

WIENER, Norbert. (1968). *Sociedade cibernética. O uso humano dos seres humanos*. São Paulo: Cultrix.

Fecha de recepción: 28 de marzo de 2016. Fecha de aceptación: 30 de mayo de 2016.